

**IMPrensa CARICATA E LITERATURA: POEMAS DE MÚCIO TEIXEIRA
NO PERIÓDICO *O FÍGARO* (PORTO ALEGRE, 1878-1879)**

Cartoon press and Literature: poems by Múcio Teixeira in the journal
O Fígaro (Porto Alegre, 1878-1879)

Luciana Coutinho Gepiak
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
lcgepiak@gmail.com

RESUMO

No Brasil da segunda metade do século XIX, a imprensa caricata tem ampla evolução na sociedade brasileira, espalhando-se semanários em vários locais. Isto também ocorreu no Rio Grande do Sul, onde vários periódicos utilizaram-se do humor e da caricatura para atrair seus leitores. Este tipo de publicação também destinava espaço para textos literários, com a inserção de vários escritores que se aproveitavam daquele espaço para divulgar sua obra. É o caso do escritor Múcio Teixeira, que publicou poemas no jornal porto-alegrense *O Fígaro*, sendo o estudo destes textos o objetivo deste ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; imprensa caricata; Rio Grande do Sul; Múcio Teixeira.

ABSTRACT

In Brazil in the second half of the nineteenth century, the caricatured press has a clear evolution in Brazilian society, with weekly newspapers spread in various places. This also occurred in Rio Grande do Sul, where several periodicals use humor and caricature to attract their readers. This type of publication also provides space for literary texts, with the inclusion of several writers who took advantage of that space to publicize their work. This is the case of the writer Múcio Teixeira who published poems in the Porto Alegre newspaper *O Fígaro* and the study of these texts is the objective of this essay.

KEYWORDS: literature; cartoon press; Rio Grande do Sul; Múcio Teixeira.

Em termos de jornalismo, um fenômeno mundial ocorre no século XIX, principalmente na sua segunda metade, com uma grande expansão de periódicos voltados ao humor, a partir de textos e gravuras normalmente carregados de críticas. Isso também ocorre no Brasil, ainda mais nas grandes cidades das várias províncias, como é o caso do Rio Grande do Sul, concentrando-se na sua capital Porto Alegre vários semanários destinados a divulgar caricaturas e matérias escritas voltadas à crítica política e social. Além disso, essas publicações abrem suas páginas para textos literários, dando espaço para a divulgação das obras de escritores anônimos ou reconhecidos.

Um destes jornais é *O Fígaro*, que circula em Porto Alegre entre 1878 e 1879 e, apesar da curta duração, marca a imprensa caricata sul-rio-grandense. Suas páginas ilustradas trazem caricaturas, charges e cartuns cheios de humor e conteúdo cortante e picante, com espaço destinado para a redação de textos com o mesmo sentido. Vinculada ou não a essa tendência, aparece também uma seção destinada à literatura, com textos em prosa e verso, com o objetivo de diversificar a edição, oferecendo leituras alternativas ao público. Entre os vários escritores que aparecem nas páginas do *Fígaro*, está Múcio Teixeira, ainda no início da carreira, mas que viria a ser um dos mais importantes escritores gaúchos. Esses poucos poemas de Teixeira constituem apenas uma pequeníssima parte de sua produção, mas servem para conhecer os primeiros passos de sua obra.

Nos estudos de natureza literária, “a coleta de fragmentos de história da literatura e a

posterior tentativa de organização desse material não pressupõem, no conjunto, um mosaico equilibrado e contínuo”, porém permitem representar “a chance de uma mirada sincrônica que traz, consigo, possibilidades novas e menos viciadas de se estudar o campo literário” (PÓVOAS, 2012, p. 364). Nesta linha, “apesar da opção por um objeto de estudo fragmentário, caracterizado pela descontinuidade e de amplas dificuldades na obtenção das fontes”, a continuidade da pesquisa é fundamental no sentido da obtenção, sistematização e organização dos dados (ALVES, 1999, p. 22).

Dessa maneira, tais “fragmentos podem ser tratados como um inventário” utilizado “na comunicação diária ou como *bagagem* permanente através da qual podem gerar-se e com a qual podem comparar-se novos textos e fragmentos”. Em um “sentido sociocultural”, tais fragmentos não constituem “um catálogo neutro, simplesmente, mas sim como aquele que ajuda à sociedade a manter seus *modelos de realidade*”, os quais, “por seu turno regem os modelos de interação interpessoal”. Tais fontes “prevalecem nos distintos níveis da sociedade, contribuindo para conservá-la e estabilizá-la” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 42-43, grifos no original).

O Fígaro é publicado em Porto Alegre, entre 6 de outubro de 1878 e 13 de abril de 1879, com uma vida breve, chegando aos 26 números de edições. Seu título é uma alusão ao personagem principal da peça teatral *O barbeiro de Sevilha*, assim marca o estilo editorial da folha e lembra dos vários outros títulos de jornais do mesmo gênero, que trazem consigo o sentido cortante, com referência a um dos instrumentos do barbeiro – a navalha. O próprio ícone gráfico escolhido pela redação para representar a publicação trazia essa inspiração.

Logo na primeira página, o “barbeiro *Fígaro*” se apresenta: “Eu venho respeitoso, alguma coisa tímido / Pedir a proteção do povo hospitaleiro / Navalhas e pincéis, escovas e cosméticos / Há tudo, e muito bom, em casa do barbeiro” (*Fígaro*, Porto Alegre, 6 out. 1878, p. 1). O programa do periódico é também escrito por meio de versos: “Fígaro, gentil barbeiro / [...]. Vem hoje, tal como é, / Com donaire prazenteiro, / Oferecer os seus serviços / Ao povo porto-alegrense [...]”.

Prometia ter cuidado no uso de suas “navalhas”, garantindo que haveria de “barbear / a todos com muito jeito, / como hoje está aceito / no mundo civilizado”. A redação descrevia que o jornal seria “crítico, humorístico, ilustrado”, pretendendo ser “bem aceito” e “não odiado”, naquela “formosa capital”. Visava a também demonstrar que não seria tão enfático em suas críticas, explicando que respeitaria em suas páginas “a vida íntima – o viver do lar” e atuaria sem “ferir” ou “machucar”, pretendendo “fazer rir, nunca doer” (*Fígaro*, Porto Alegre, 6 out. 1878, p. 2).



Apesar destes citados cuidados, por outro lado, a apresentação do *Fígaro* acaba por expressar suas intenções satíricas, destacando que “antes que se riam de mim, rio-me eu dos outros” e, no caso de fecharem-lhe as portas, saltaria pelas janelas e, quando estas estivessem fechadas, destaparia o telhado. Esclarece que “a intriga é o meu pão nosso; vou, venho, trago, levo, paro aqui, escuto acolá”. Diz também que “do baralho de cartas, chamado humanidade, tiro mil combinações divertidas”, estabelecendo ainda que “onde acaba a virtude, começo eu a rir” (*Fígaro*, Porto Alegre, 6 out. 1878, p. 2). Mais tarde, na passagem do ano de 1878 a 1879, os redatores reafirmam: “Navalha fina de causar inveja / Ensaboada, pomada mui brilhante / Continua a dedicar-vos com amor / E em troca pede só vosso favor”. E ainda reiteram sua meta de procurar “rir sem ferir, brincar sem molestar, / sem invadir o lar, a vida íntima, o sacrário da família” (*Fígaro*, Porto Alegre, 5 jan. 1879, p. 1).

Como a maior parte dos jornais caricatos, *O Fígaro* apresenta oito páginas, metade delas com desenhos e a outra com textos, com formato de 29 cm por 31cm, sendo impressa primeiramente na Tipografia do *Deutsche Zeitung* (números 1 a 13); depois na Tipografia do *Mercantil* (números 14 a 20); e, finalmente, na Tipografia da *Reforma* (números 21 a 26). Suas “obras litográficas” ocorrem no “bem equipado e conceituado estabelecimento de Emílio Wiedmann, em cujos escritórios funcionava a redação do hebdomadário”, e em “cujos balcões se tomavam e pagavam as assinaturas, à razão de 16\$000 por ano, 9\$000 por semestre e 5\$000 por trimestre” e “o número avulso custava \$500 réis”. A

edição do periódico fica na responsabilidade de Cândido de Faria, com experiência na arte caricatural no centro do país (FERREIRA, 1962, p. 62 e 71-75).

Entre suas várias seções, o semanário apresenta “A Semana”; “Teatro”; “Quadros sociais”; “Vespas e pirilampos”; “Cousas” e “Piadas”. O periódico “associou ao comedimento das críticas o uso de uma gramática de regras bem estudadas”, com uma “prosa não modelar em seus aspectos literários, porém, portadora de bom comportamento e, sem dúvida, diferente de certa escrita vulgar” presente em outros hebdomadários, a qual “menos parecia obra de noticiário canhestro do que frouxa redação de colegial”. Deste modo, “fez questão de respeitar o binômio simpático que sufragara para sua divisa – decência nos ditos e correção na forma”, banindo “o palavão dos domínios da empresa” (FERREIRA, 1962, p. 67).

Suas páginas são frequentadas por escritores muitas vezes identificados apenas pelas iniciais, outros por pseudônimos e ainda outros pouco conhecidos como Ab-del-Kader, Armando de Aguiar, Barreto Bastos Júnior, Bavard, Bom Tempo, Buffon Júnior, Caromelo, Cri-Cri, C. Vero, Nemo, O Carapuceiro, Perguntador e Toc-Tic. Aparece também transcrição do escritor Paul Parfait (1841-1881). Dentre os literatos mais conhecidos também se faz presente na redação do periódico João Damasceno Vieira Fernandes (1850-1910), funcionário público sul-rio-grandense que atuou como poeta, crítico, historiador, romancista e teatrólogo, além de ser um dos membros do Partenon Literário (MARTINS, 1978, p. 211).

Desta maneira, a folha “escolheu a dedo alguns companheiros que não fossem muito afeiçoados à zombaria cabeluda” e que “ainda não se achassem muito viciados de certos cacoetes da Província”, vindo a ter “sorte na seleção e também na dedicação” destes colaboradores (FERREIRA, 1962, p. 67). Dentre eles, colabora na redação do *Fígaro* o escritor Múcio Teixeira, com destaque para textos poéticos que insere em pelo menos quatro edições da folha.

Múcio Scévola Lopes Teixeira¹ nasce em Porto Alegre, a 13 de setembro de 1857, e faleceu no Rio de Janeiro, a 8 de agosto de 1928. Passou parte da infância em sua cidade natal. Em 1864, estuda no Colégio Victório, no Rio de Janeiro, e, de volta a Porto Alegre, matricula-se no Colégio Gomes, no qual teve por colegas indivíduos que viriam a integrar o movimento republicano rio-grandense, como o próprio Júlio de Castilhos. Na capital gaúcha, também frequenta o Colégio Rio-Grandense, desde 1869, convivendo com o escritor Apolinário Porto Alegre, tendo ainda servido na Escola Militar até 1875, quando se afasta da mesma. Ainda na adolescência, o escritor é um jovem e ativo participante do Partenon Literário, entidade significativa na fundamentação das letras rio-grandenses, escrevendo na revista da mesma desde 1872.

Em 1878, Múcio Teixeira muda-se para o Rio de Janeiro, dando continuidade à sua atuação como poeta. Ingressa no serviço público em 1880, quando é nomeado secretário de governo na Província do Espírito Santo. Chegou a voltar ao Rio Grande do Sul em 1881, para tentar a vida política, como deputado, mas, não obtendo sucesso, desliga-se da função administrativa no Espírito Santo e retorna para o Rio de Janeiro, em 1882. Na Corte, continua com sua carreira literária e atua em várias publicações periódicas. Desde 1885, cai nas graças de D. Pedro II, chegando a ser considerado como o “poeta imperial” e vindo a ser nomeado para cargo consular na Venezuela, país no qual continua publicando suas obras.

A função pública no exterior é suspensa, a partir da proclamação da República e Múcio Teixeira retorna ao Brasil, prosseguindo a carreira na poesia sob a chancela de um português endinheirado e monarquista. Envolve-se com o capital financeiro, atuando em estabelecimentos bancários que entram em falência, tendo em vista a crise econômica pela qual o país passava. A partir de tais dificuldades, retorna ao Rio Grande do Sul e, a convite do antigo colega Júlio de Castilhos, atua na imprensa governista gaúcha. Permanece no sul até 1896, quando volta ao Rio de Janeiro, dedicando-se à carreira literária e jornalística, tanto naquela cidade quanto em Salvador, onde passa algum tempo, depois que retorna de vez à capital federal. No século XX, dá uma

¹ Biografia realizada com base em TEIXEIRA, 1922.

guinada na sua vida, voltando-se para o ocultismo, sem abandonar a ação literária que em parte sofre as influências do novo destino por ele seguido, ligado aos segredos da natureza e aos poderes sobrenaturais.

Ao longo de sua ação intelectual, Múcio Teixeira faz parte de várias entidades culturais e científicas, colaborando num incontável número de publicações. Ele também escreve sob os pseudônimos *Boêmio*, *Montalvo*, *Manfredo*, *Muciano Tebas*, *Felício Fontoura e Cia.* e *Barão Ergonte*, este último a partir do momento em que passa a trilhar o terreno das ciências ocultas, profecias e adivinhações. Ele é autor de uma grande quantidade de livros² e infindáveis artigos e colaborações publicadas junto à imprensa. Sua carreira desponta entre os mais variados afazeres intelectuais, constituindo-se ele numa “das figuras mais ricas e controvertidas dentre as que militaram no cenário literário” de sua época, especialmente a partir de “sua extensa obra” na qual podem ser encontradas “poesia, folclore, história, romance, memórias, dramas, sátiras, poesia gauchesca e várias traduções de autores espanhóis, franceses e alemães” (BAUMGARTEN, 1982, p. 63).

Nesse sentido, o escritor rio-grandense, desde a juventude, passando pelo Partenon Literário, até a maturidade e a velhice, com o ocultista Barão Ergonte, representa um intelectual múltiplo em suas atividades:

Múcio Teixeira foi um dos mais profícuos, inquietos e versáteis autores sul-rio-grandenses, produzindo intensamente ao longo de uma trajetória de quase cinquenta anos, sob diversas orientações estéticas. Da sua estreia, em 1872, até a sua morte, em 1926, publicou mais de quarenta títulos e um número incalculável de textos esparsos em jornais e revistas. Na ficção, experimentou todos os gêneros e suas variações. Como prosador, incorreu pelo romance histórico; como teatrólogo, escreveu dramas, comédias e sátiras; como poeta, destacou-se, fundamentalmente, por sua poesia lírica, muito embora tenha escrito versos satíricos com reconhecida habilidade. Fora da ficção, escreveu biografias, estudos históricos, crítica literária e exerceu o jornalismo, tendo atuado nessa atividade nas mais variadas funções em periódicos das diversas cidades onde esteve. (SANTOS, 2005, p. 8)

No que se refere à política, inspirado em alguns dos ideais presentes no Partenon Literário e influenciado pelo mestre Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira torna-se um “republicano de primeira hora”, para depois transformar-se “em monarquista ao contar com a proteção do imperador”. Mais tarde, “o poeta aceitou o convite de Júlio de Castilhos para uma posição na imprensa governista, convertendo-se, dessa forma, em convicto republicano”. Tal pensamento não foi duradouro, não resistindo aos desentendimentos com aquele líder republicano, de modo que “Teixeira, já na virada do século XIX para o XX, retomaria seu caminho de monarquista” (ALVES, 1998, p. 272).

Considerado como “distinto literato” e “inspirado poeta e antigo jornalista” contribuiu “para o enriquecimento das letras brasileiras”, com obras traduzidas em diversas línguas, além de ter sido “condecorado com diversas ordens nacionais e estrangeiras”, bem como era “membro de vários institutos científicos e literários de diferentes países” (BLAKE, 1900, v. 6, p. 300-302). Sua produção intelectual é ampla. Atuando como “poeta, jornalista, biógrafo, romancista, teatrólogo, ensaísta” e “quiromante” (VILLAS-BÔAS, 1974, 510-511; VILLAS-BÔAS, 1991, p. 5 e 242-243), levando uma vida “agitada e andarenga” (MARTINS, 1978, p. 578-579).

² Dentre seus livros, podem ser citados: *Vozes trêmulas* (1873), *Violetas* (1875), *Sombras e clarões* (1877), *Fausto e Margarida* (1878), *Cantos e contos* (1879), *O inferno político* (1879) *Cérebro e coração* (1880), *Novos ideais* (1880), *O Tribuno-Rei* (1881) *Prismas e vibrações* (1882), *A canção da escravidão* (1883), *Hugonianas* (1885), *Poesias e poemas* (1888), *Celajes* (1889), *Poesias de D. Múcio Teixeira* (1889), *A revolução no Rio Grande do Sul* (1893), *O Girafa* (1895), *Poetas do Brasil* (1896), *Vida e obra de Castro Alves* (1896), *Campo santo* (1902-1903), *Leviandades de Clímene* (1906), *Esculhambações* (1909), *Homens do meu tempo* (1914), *Terra incógnita* (1916), *O imperador visto de perto* (1917), *Os gaúchos* (1920), *Tratado elementar de ciências ocultas* (1921) *Brasas e cinzas* (1921) *Dogma e ritual de alta magia* (1924) e *O negro na quinta imperial* (1927).

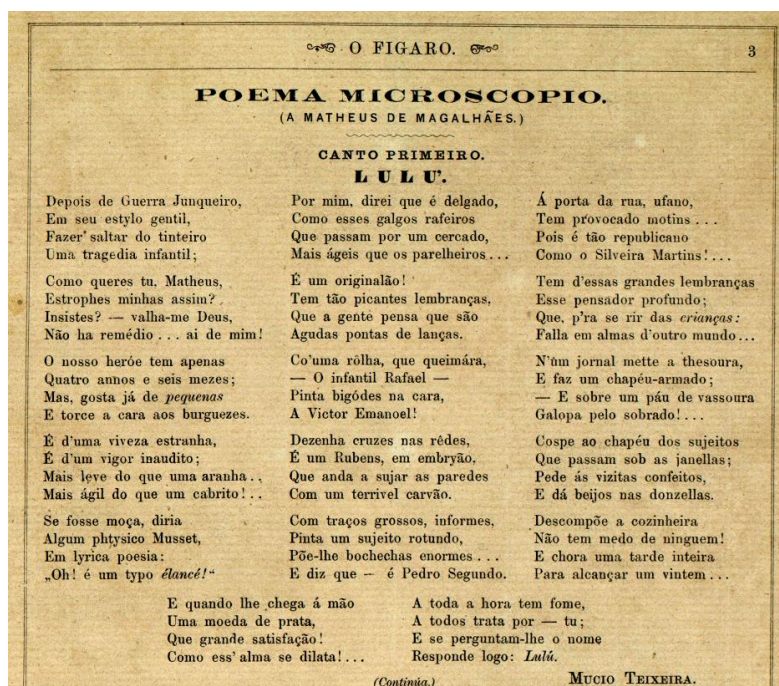
Ao experimentar “o ensaio, o romance, o drama e a biografia”, Múcio Teixeira firma-se, “contudo, como poeta, sendo considerado um dos iniciadores da poesia de veio regionalista”, assim como “dedicou-se ao ocultismo” (MOREIRA, 2002, p. 166-172 e 182). Sua ação faz com que possa ser denominado como um escritor “versátil e andejo” e “poeta mais culto e de forma incomparavelmente superior”, produzindo “teatro de boa qualidade literária”, com elogiáveis atuações como crítico literário, biógrafo, jornalista e satirista, capaz de ser nomeado como uma das “figuras consagradas” da literatura gaúcha (CESAR, 2006, p. 205, 211, 283, 371, 374, 402, 404-408 e 412-413), “um dos tipos humanos mais interessantes de sua época” (BUENO, 2007, p. 148-150), além de “uma das figuras literárias mais interessantes do Brasil meridional, não só pelo valor intrínseco da sua obra, como pelo espetáculo contraditório da sua vida” (SILVA, 1924, p. 67-68).

Ativo colaborador nos mais variados gêneros jornalísticos, Múcio Teixeira deixa sua marca também na imprensa caricata gaúcha, mais especificamente nas páginas do *Figaro*:

Múcio, a despeito do caráter irritadiço e do temperamento arrebatado, nunca chegou a exceder-se ali em sua literatura e deu ao *Figaro* extensa ajuda [...], especialmente no verso, que sabia manipular com destreza [...]. O descometido satirista, que mais tarde viria a zurzir com tanto calor e descompasso a vários figurões da política, [...] foi na folha de Cândido de Faria um anjo – um anjo contrafeito, a quebrar esquinas nas nuvens, mas em todo caso... um anjo. É verdade que de vez em quando aliviava as axilas das asas incômodas e dava de manejar o tridente que o Diabo esquecerá no porta-bengalas. (FERREIRA, 1962, p. 67-68)

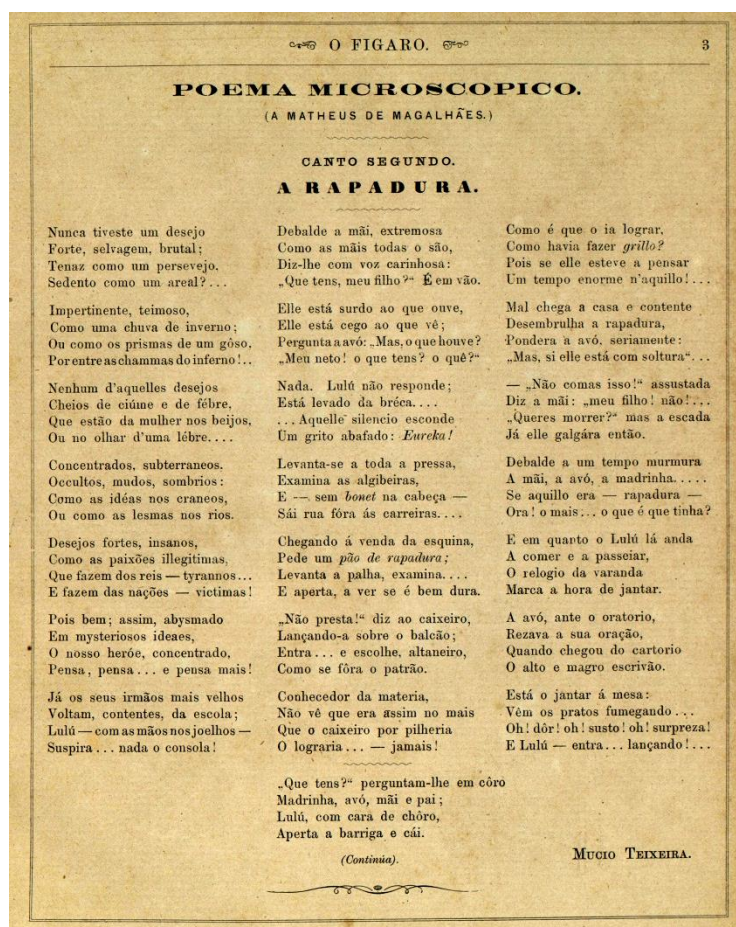
São quatro as colaborações assinadas por Múcio Teixeira no *Figaro*, todas elas em versos. As três primeiras, denominadas “Poema microscópico”, têm um caráter de continuidade, divididas em “cantos”, com a edição do “primeiro”, “segundo” e “quarto”, com a ausência do terceiro, falha comum naquele tipo de publicação. A última é independente das demais. Nas quatro inserções ocorre referência ao pensamento republicano que no momento orienta o autor.

Os três “Poema microscópico” têm por protagonista “Lulu”, supostamente uma criança que comete peraltices, mas, bem de acordo com o estilo satírico do periódico em que era apresentado e com o do próprio autor, fica inserido um conteúdo crítico nos versos, que se volta contra alguns dos atores políticos e sociais da época. As três inserções são dedicadas a Matheus de Magalhães e a primeira tem dezessete estrofes, a segunda, vinte e duas e a terceira, quinze.



O primeiro canto do “Poema microscópico” tem por subtítulo o nome do próprio protagonista, “Lulu” (*Figaro*, Porto Alegre, 3 nov. 1878, p. 3). O poeta anuncia que traz ao público “uma tragédia infantil” e diz que o “herói tem apenas quatro anos e seis meses”, mas revela que a referência poderia não ser a uma criança, explicando que “Lulu gosta já de *pequenas* e torce a cara aos burgueses”. A personagem é descrita em suas características físicas e comportamentais, e pode ser comparada a uma das principais figuras do partido liberal da época imperial, cujas posições eram tão radicais que chegava a ser equiparado a um republicano:

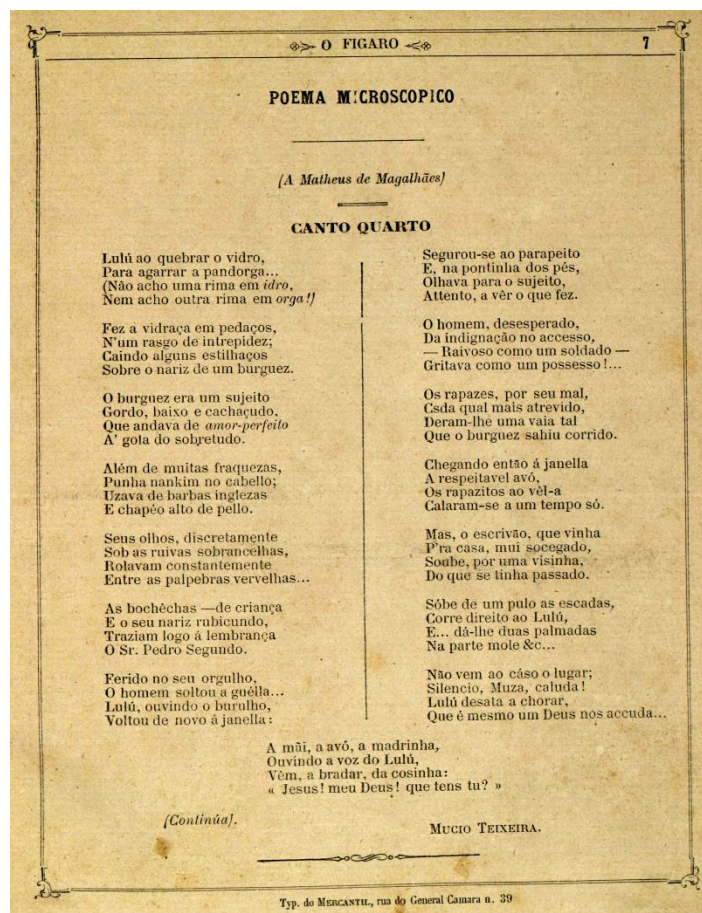
À porta da rua, ufano,
Tem provocado motins...
Pois é tão republicano
Como o Silveira Martins!...



O canto segundo do “Poema microscópico” denomina-se “A rapadura” (*Figaro*, Porto Alegre, 10 nov. 1878, p. 3), e possui várias insinuações de cunho sensual, expressas no desejo homem-mulher, para depois desviar a trajetória e voltar ao “herói Lulu”, com a explicação de que o desejo em pauta é de caráter gastronômico, voltado ao consumo de um doce que acaba por fazer-lhe mal. Em meio aos versos de abertura, há outro posicionamento do autor de oposição à monarquia, considerados os soberanos como tiranos que transformam suas nações em vítimas, e destaca a personagem a pensar em seus “misteriosos ideais”, em referência à república:

Desejos fortes, insanos,
Como as paixões, ilegítimas,
Que fazem dos reis — tiranos...
E fazem das nações — vítimas!

Pois bem; assim, abismado
 Em misteriosos ideais,
 O nosso herói, concentrado,
 Pensa, pensa... e pensa demais!

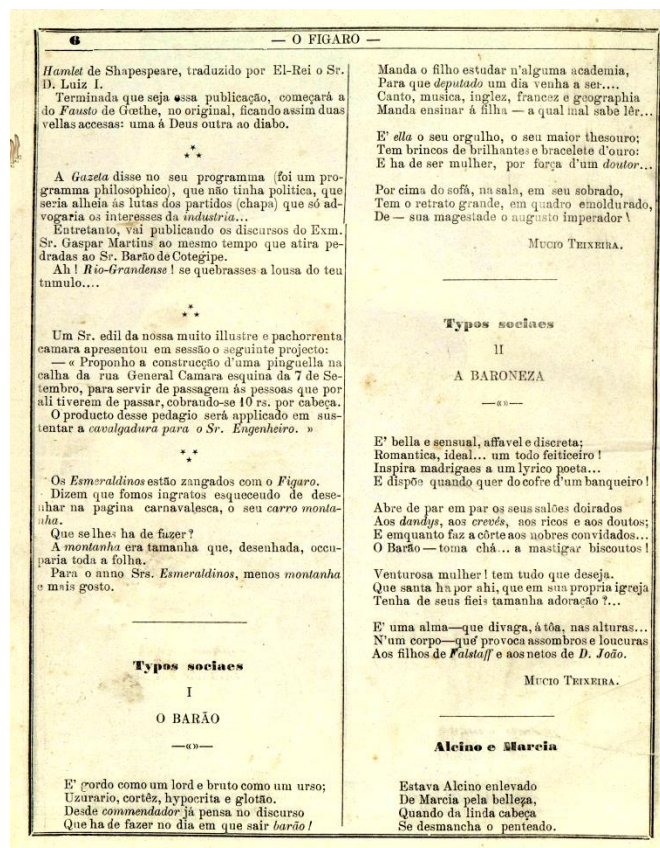


Sem a publicação do terceiro, o “Poema microscópico” passa para o quarto canto, o qual não apresenta subtítulo (*Figaro*, Porto Alegre, 12 jan. 1879, p. 7), assim passa a ser o último, apesar da promessa que continuaria. A narrativa poética se refere a uma travessura de “Lulu”, que quebra um vidro ao brincar com uma pandorga, atitude pela qual acaba por ser punido ao levar umas palmadas. O antagonista desta vez é um “burguês”, em referência aos ricos da classe burguesa que se associavam à monarquia, sobre o nariz do qual caíram estilhaços do vidro quebrado pelo protagonista. A descrição do “burguês” mostra a sua identificação com a monarquia:

O burguês era um sujeito
 Gordo, baixo e cachaçudo,
 Que andava de *amor-perfeito*
 À gola do sobretudo.

Além de muitas fraquezas,
 Punha nanquim no cabelo;
 Usava de barbas inglesas
 E chapéu alto de pelo.
 [...]

As bochechas – de criança
 E o seu nariz rubicundo
 Traziam logo à lembrança
 O Sr. Pedro Segundo.



Finalmente, a última colaboração poética de Múcio Teixeira para *O Figaro* chama-se “Tipos sociais”, com dois sonetos, um voltado a descrever “O Barão” e outro “A Baronesa” (*Figaro*, Porto Alegre, 9 mar. 1879, p. 6). Neles fica evidenciada a angústia social do autor e a sua aversão à nobreza que tanto contribuía para a permanência da monarquia.

O Barão é descrito de forma totalmente pejorativa, tanto na aparência quanto no comportamento, unicamente interessado na sua ascensão em meio às categorias nobiliárquicas. Tem pretensões de lançar o filho na vida política e arranjar um casamento por interesses para filha. Finalmente é demonstrada toda a sua filiação à monarquia, ao ostentar em seu salão principal um quadro do imperador:

É gordo como um lorde e bruto como um urso;
Usurário, cortês, hipócrita e glutão.
Desde *comendador* já pensa no discurso
Que há de fazer no dia em que sair *barão*!

Manda o filho estudar nalguma academia,
Para que *deputado* um dia venha a ser...
Canto, música, inglês, francês e geografia
Manda ensinar à filha – a qual mal sabe ler...

É *ella* o seu orgulho, o seu maior tesouro;
Tem brincos de brilhantes e bracelete d’ouro:
E há de ser mulher, por força dum *doutor*...

Por cima do sofá, na sala, em seu sobrado,
Tem o retrato grande, em quadro emoldurado,
De – sua majestade o augusto imperador!

A Baronesa, por outro lado, é descrita de maneira mais favorável, principalmente quanto aos atributos de beleza, mas, ao mesmo tempo, é apresentada como uma mulher voltada às futilidades das festas e das relações sociais. Na aparência surge como devota e até carola, mas no íntimo há uma insinuação de luxúria e até de adultério, só contribuindo para com a antipatia da figura do Barão e da nobreza em geral:

É bela e sensual, afável e discreta;
Romântica, ideal... um todo feiticeiro!
Inspira madrigais a um lírico poeta...
E dispõe quando quer do cofre de um banqueiro!

Abre de par em par os seus salões doirados
Aos *dandys*, aos *crevés*, aos ricos e aos doutos;
E enquanto faz a corte aos nobres convidados...
O Barão – toma chá... a mastigar biscoitos!

Venturosa mulher! tem tudo que deseja.
Que santa há por aí, que em sua própria igreja
Tenha de seus fiéis tamanha adoração?...

É uma alma – que divaga, à toa, nas alturas...
Num corpo – que provoca assombros e loucuras
Aos filhos de *Falstaff* e aos netos de *D. João*.

A presença de Múcio Teixeira nas páginas do *Fígaro* corresponde ao início de sua carreira. Embora bastante precoce, com a participação no Partenon Literário, e com seis livros lançados desde 1873, o período em que atua no semanário caricato corresponde a uma época de extensa produção, tempo em que produziu a metade daquelas publicações. Também é a época da sua mudança para o Rio de Janeiro, momento decisivo para a trajetória de sua obra. Naqueles tempos, Teixeira é ainda manifesto republicano, e suas poucas contribuições para a folha caricata trazem aberta ou veladamente o pensamento antimonárquico.

A presença de Múcio Teixeira já servia para enriquecer a redação dos jornais, como continuaria a fazê-lo ao longo de sua vida, mas, particularmente naquele final da década de 70 do século XIX, ainda que de partida, ele não esquece de sua cidade natal e dos projetos jornalísticos que buscavam estabelecer-se, figurativamente ao ilustrar as edições do *Fígaro* e ao contribuir com a sua circulação, ainda que breve, na contumaz batalha por obtenção de leitores e assinantes. *O Fígaro* não teve longa continuidade, mas aqueles poemas do início da carreira de Múcio Teixeira ficariam decisivamente registrados em suas páginas.

Referências

- ALVES, Francisco das Neves. A gênese da República no Rio Grande do Sul na visão de Múcio Teixeira. In: *Anais da XVII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Curitiba: SBPH, 1998. p. 269-273.
- ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883/1900. v. 1 e 6.
- BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. O “sistema literário”. *Revista Translatio*, n. 5, p. 22-45, 2013.

- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.
- MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2002.
- PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). In: *Navegações*, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.
- SANTOS, Paulo Roberto Alves dos. *Múcio Teixeira: a trajetória de um poeta singular*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005. (Tese de Doutorado).
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.
- TEIXEIRA, Álvaro. *Múcio Teixeira – Barão Ergonte* (o homem, o poeta, o prosador, o tribuno, o cientista). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.
- VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.
- _____. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST; EDIGAL, 1991.

Recebido em: 14 jul. 2020.

Aprovado em: 25 set. 2020.